

A estrela dançante em nós: aproximações entre Arte e Psicologia

SONIA REGINA VARGAS MANSANO*

ALEJANDRA ASTRID LEÓN CEDEÑO**

Resumo: Provocar um diálogo entre arte e psicologia foi o principal objetivo deste artigo. Dentro das diferentes práticas realizadas na área de psicologia, acreditamos que a arte possa ser uma parceira na produção de conhecimentos e sensibilidades para a transformação social ou, mais precisamente, para a multiplicação de microtransformações cotidianas com as quais a psicologia pode contribuir. Para mostrar que essa aliança é possível, dividimos o presente trabalho em três momentos: quando a arte e a psicologia se encontram; quando o cotidiano pode ser experimentado artisticamente e, por fim, a resistência como arte de viver. Deste diálogo e suas conexões, interessou-nos sublinhar aquilo que ganhamos quando expandimos os horizontes de intervenção e produção de conhecimento.

Palavras-chave: Psicologia; Arte; Resistência.

The dancing star in us: approaches between Art and Psychology

Abstract: Lead to a dialogue between Art and Psychology was the main objective of this article. Within the different practices performed in the area of Psychology, we believe that Art can be a partner in the production of knowledge and sensitivities for social transformation, or more precisely, for the multiplication of everyday micro transformations with which Psychology must contribute. To show that this alliance is possible, we divided the present work in three moments: when Art and Psychology meet; when the everyday life can be experienced artfully and, finally, the resistance as an art of living. From this dialogue and its connections, we are interested in underlining what we win when we expand the horizons of intervention and knowledge production.

Key words: Psychology; Art; Resistance.



* **SONIA REGINA VARGAS MANSANO** é Pós-Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Administração e do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.



** **ALEJANDRA ASTRID LEÓN CEDEÑO** é Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

Desde a sua invenção como ciência, nota-se que a psicologia busca interlocuções com outras áreas de conhecimento, ensaiando diálogos por meio dos quais seja capaz de aproximar-se da vida humana e suas mutações. Estudar o humano não é tarefa simples, ainda mais quando partimos da psicologia social que compreende o homem como uma produção incessante cuja condição de possibilidade envolve os diferentes encontros experimentados no decorrer da vida. Foi assim que em muitos momentos a psicologia aproximou-se das artes, buscando nelas uma sensibilidade para escuta, para observação e para produção de conhecimento.

Literatura, escultura, pintura, música, teatro e cinema ganharam uma posição de destaque nos estudos de grandes referências para a psicologia como Sigmund Freud, Michel Foucault e Lev Vigotski. Nota-se, assim, que as obras datadas de outro período histórico tornaram-se, aos poucos, relevantes para a compreensão do contemporâneo. Em uma entrevista concedida a Hubert Dreyfus e a Paul Rabinow, Foucault chega a dizer: “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida” (FOUCAULT. In: DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 261).

Conectar arte e ciência, como duas produções culturais que possuem histórias e objetivos diferenciados, foi o que nos colocou diante da tarefa de elaborar este artigo: afinal, o que acontece na experiência prática da psicologia que nos permite pensá-la na fronteira com a arte? Para isso, dividimos o material em três momentos: Primeiramente, faremos considerações sobre a aproximação dessas duas áreas,

ressaltando os efeitos que emergem desse diálogo. Em seguida, traremos alguns relatos de uma pesquisa-ação realizada com um grupo de crianças que se valem da dança para multiplicar seu contato com o mundo e com os afetos. Por fim, buscaremos compreender como a resistência, para além de uma oposição, pode consolidar-se como potência de criação de modos vida no cotidiano.

Encontros entre Arte e Psicologia

A aproximação entre as artes e a ciência evidencia um potencial para a produção de conhecimento sobre a vida humana e suas múltiplas composições. Nesses diálogos, fica claro que a dimensão estética é imanente à existência, ainda que seja frequentemente distanciada da vida do cidadão comum e considerada como “coisa de artista”. Se nos aventuramos a aproximar a arte da vida cotidiana, podemos notar que a primeira pode ser considerada muito mais que um mero objeto de consumo e observação: trata-se de identificar e inventar modos possíveis de viver artisticamente, o que implica uma abertura para o risco de produzir a vida na cotidianidade. Mas, nesse caminho, também corremos o risco de simplesmente idealizar ou romantizar a arte, atribuindo-lhe um *glamour* exagerado e, com isso, desconsiderar a presença das múltiplas forças de construção e desconstrução que se operam na existência.

Arte e vida implicam um encontro complexo cujo sentido é acolher a criação e a destruição como partes de um mesmo movimento que coopera para desenhar as trajetórias de vida e o contato com o mundo. Não há como escolher apenas um dos lados. A arte nos ensina isso a cada vez que tematiza a morte e a vida como partes inerentes à existência. Diante disso, cabe

questionar: É possível viver artisticamente? Em vários momentos de sua obra, Deleuze assinala a relação entre uma vida potente e a dimensão estética do existir. Assim, nessa perspectiva teórica, é possível viver artisticamente e isso está vinculado ao exercício da potência de simulação e criação, cuja afirmação implica desvencilhar-se do registro identitário que nos prende a modos formatados e previsíveis de viver. Entendemos que a contemporaneidade, com as transformações tecnológicas que lhe são próprias, particularmente aquelas decorrentes das coordenadas espaço-temporais e a elas inerentes, como a mídia eletrônica, multiplica as possibilidades da invenção dos novos modos de ser e viver, conectando nosso corpo a modos múltiplos de relação que são irredutíveis à unidade do sujeito individual.

Isso nos remete a uma aproximação com o caráter trágico da existência, aberto para acolher a criação como uma multiplicidade de forças díspares que compõem e decompõem as maneiras de existir e de se relacionar com o outro. Tais forças não param de se movimentar e, com isso, transformam a paisagem psicossocial, ao mesmo tempo em que os modos de subjetivação sofrem abalos e rachaduras. Em face desses encontros desconcertantes, existe a tendência para recuar e reassumir os modelos identitários mais conhecidos que, supostamente, trariam certa segurança por prometer a retomada de hábitos tão conhecidos e longamente reproduzidos. Entretanto, se a arte entra nesse diálogo com a psicologia para pensar outras maneiras de conexão com o mundo, as garantias são as primeiras a serem derrubadas. Nietzsche talvez seja quem teve mais sensibilidade para arriscar uma aproximação entre arte e vida

quando a compreende como uma “redenção”. Em suas palavras:

A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida.

(...) A arte como a redenção do que conhece – daquele que vê o caráter terrível e problemático da existência, que quer vê-lo, do conhecedor trágico.

A arte como a redenção do que age – daquele que não somente vê o caráter terrível e problemático da existência, mas o vive, quer vivê-lo, do guerreiro trágico, do herói.

A arte como a redenção do que sofre – como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia (NIETZSCHE, 1999, p. 50).

Conhecer, agir e sofrer. Três verbos a serem conjugados artisticamente sem se cair nas armadilhas dos saberes mais endurecidos, dos modelos instituídos ou das dores romanceadas com as quais nos tornamos piedosos e menores. Trata-se de uma abertura para conhecer o que nos advém, por vezes de maneira violenta e cruel, mas também uma abertura para agir diante desse adverso, redesenhando seus sentidos e potencializando a existência para seguir outros rumos. Aqui, o sofrer é vivido como acolhimento das dores próprias de um corpo que é vivo, portanto, sensível e capaz de sustentar as rupturas e despedidas que a vida nos impõe. Nietzsche assinala que essas três redensões são artísticas e, como tais, colocam-nos o desafio de transmutar o que nos advém: fazer do acontecimento uma vida artística, provocando transformações, ebulições e convulsões na cotidianidade imprevisível de encontros.

Quando o cotidiano pode ser experimentado artisticamente

Partindo dessa aproximação entre arte e vida, passamos ao relato do trabalho realizado em uma associação, criada em 1998, que tem por objetivo promover a interação e troca entre pessoas pertencentes a um bairro popular da cidade de Londrina, estado do Paraná. Há quinze anos, a associação realiza eventos festivos e culturais, além de oficinas esportivas e de saúde, que estão a cargo de moradores do bairro e de seus vizinhos, com o apoio de políticas públicas executadas por meio de parcerias com a Unidade Básica de Saúde (UBS) e uma universidade pública da cidade. Trata-se de um espaço autogerido em que os frequentadores participam de maneira voluntária e desejante: não há lista de presença, não se cobram valores monetários para participar das atividades e ninguém recebe pagamento pela atividade realizada. Além disso, a associação funciona sem apoio financeiro externo.

Desde o ano de 2008, a associação iniciou uma oficina semanal de dança do ventre que se mantém até hoje, coordenada por uma docente da universidade. A partir da dança, foram criadas diversas outras oficinas e atividades semanais que são coordenadas e/ou apoiadas por estudantes da referida universidade e que têm a duração de pelo menos um ano letivo.

Especificamente no mês de setembro de 2013, notou-se um ponto de mudança no trabalho devido à discussão explícita, ocorrida pela primeira vez, sobre o tráfico de drogas na região. O tema foi trazido por uma criança, que protagoniza os relatos apresentados a seguir e que será aqui denominada Carmem. A partir de suas colocações,

iniciou-se um debate sobre redução de danos, em que foi possível conversar abertamente sobre as angústias, pressões e medos experimentados pelo grupo diante da realidade social do bairro, gerada em parte pelo uso de drogas. Dois dias depois da emergência desta temática, algo inesperado ocorreu: Carmem decidiu, pela primeira vez, ensaiar um solo de dança para apresentá-lo num evento fora do bairro. Esse evento foi-se encadeando com outros que, semana a semana, possibilitaram instantes de experimentação em que essa criança, bem como os demais participantes (crianças e adultos), pareciam atuar no sentido de elaborar o vivido, por meio de um trabalho artístico com alcance terapêutico.

A dança escolhida era difícil, por envolver fogo, que podia queimá-la, e taças de vidro, que poderiam quebrar-se durante a apresentação. Carmem temia ter problemas na hora de realizá-lo, mas conseguiu, fazendo uma apresentação solo que comoveu os presentes de forma inexplicável. Era como se, por meio do desafio assumido e enfrentado, uma ferida do mundo estivesse sendo limpa, cuidada e costurada. Carmem, que poderia simplesmente “entrar” para o mundo do tráfico de drogas como mais um membro invisível, anônimo e facilmente descartável, “entrou” no clima das apresentações que a tornaram visível e valorizada por um público desconhecido. Experimentar esse lugar de inserção social possibilitou o contato com outra possibilidade de existência, para além do bairro e do “destino” que lhe era mais provável, marcado pelas drogas.

Na semana seguinte, esta mesma criança, junto com a adulta responsável pelo grupo, foi para um restaurante do tipo “pesque e pague”. Aquele foi um

momento que serviu para comprovar que ela podia continuar tendo contato com outras experiências: sair da cidade, fato que nunca ocorrera outrora e conhecer lugares vizinhos; compartilhar um momento especial com o grupo e começar a aprender a pescar, prática que fazia parte das tradições da geração anterior da sua família, proveniente do meio rural. A “criança próxima do tráfico”, que já se havia apresentado em um sarau na semana anterior, podia agora ser apenas criança e brincar. Pode-se dizer que, nessas experiências, outros territórios foram experimentados, ampliando-se a potência daquele corpo até então limitado a um registro afetivo mais “durão”.

Em outra ocasião, sete estudantes e uma docente da universidade organizaram um passeio com o grupo do projeto e por sua solicitação: uma visita ao câmpus. Conforme suas demandas, a visita incluía o Museu da Anatomia e a Ludoteca. O grupo era formado por dez crianças e adolescentes. Também nessa situação, Carmem teve papel diferencial, pois foi ela quem organizou e convidou o grupo, fazendo o possível para viabilizar um passeio que incluísse as amigas e os parentes. O contato com uma instituição de ensino superior foi uma novidade para todo o grupo. No retorno para o bairro, as crianças, eufóricas, cantaram sem parar a música “Monstro dos Monstros” do MC Daleste: “Eu sou *monstrão*, tu é *monstrão*, nós é *monstrão*, mas eles não. Pode falar de boca cheia: Ostentação”. A insistência na música e a intensidade com que era cantarolada deixava muito clara a necessidade de dar voz ao que haviam acabado de experimentar: o acesso ao mundo de estudantes majoritariamente localizados em outra classe socioeconômica. Parte do grupo relatava que nunca havia pensado na possibilidade de estudar em

uma universidade que, cabe registrar, é pública e localizada no bairro vizinho onde tais crianças moram.

É sabido que a universidade pública brasileira, apesar das políticas de inclusão colocadas em prática nos últimos anos pelo governo federal, ainda recebe estudantes que, em sua maioria, pertencem a uma classe social mais elevada, em razão de todo o preparo recebido no ensino fundamental e médio. O problema se agrava quando uma parte dos cidadãos brasileiros nem sequer reconhece a universidade pública como um território possível e acessível por causa de seu nível socioeconômico. Visitar a universidade pode parecer algo banal para uma parcela significativa da população, mas, nesse caso, possibilitou o acesso não só a um espaço físico como também a um campo de possibilidades a ser considerado e explorado.

Em outra ocasião, o grupo de dança foi convidado de última hora para dançar em uma comemoração surpresa do dia do professor. Era um evento organizado pela Assistência Social dirigido para os educadores da área socioeducativa. Para que o grupo de dança, formado por duas professoras e cinco alunas, participasse do evento, foi preciso ensaiar rapidamente, acordar cedo e atravessar a cidade. Aquele dia começou mal, pois uma das participantes teve de ficar em casa cuidando de duas crianças menores, o que acontecia praticamente todos os dias. A impossibilidade de sua participação foi frustrante tanto para ela quanto para o grupo, mas, ao mesmo tempo, consolidou-se como um disparador de relatos sobre a vida cotidiana. Uma das crianças, por exemplo, contou que a mãe estava presa e sugeriu ao grupo organizar uma apresentação na prisão no único dia do mês em que as mulheres têm direito a

visita; outra comentou sobre a sua irmã que, sob seu ponto de vista, estava perdendo “seu futuro de criança” por ter que cuidar constantemente de crianças menores.

Quando chegaram ao lugar marcado, receberam um tratamento bastante frio, distante e até desrespeitoso por parte da coordenadora. O grupo foi praticamente “deixado” no terraço da casa para se preparar sozinho, o que tornou as crianças mais ansiosas, uma vez que disputavam a atenção das poucas adultas, que estavam presentes, pedindo ajuda para se maquiar e se prepararem para a apresentação. Depois de um discurso que não podiam ouvir e preparando-se às escondidas para a apresentação surpresa, finalmente começou a música. Na segunda dança, vários educadores começaram a conversar entre si e mostravam claramente o desinteresse pela apresentação, o que tornava inviáveis os pedidos de silêncio. Outra intervenção significativa foi da coordenadora do evento: “você podem continuar dançando, mas simultaneamente vamos servir o café da manhã para não atrasar”. A professora da associação negou-se a isso, visto faltar apenas uma música para terminar a apresentação.

As professoras do grupo entenderam aquela situação como um desrespeito, porquanto tinham sido convidadas para dançar, precisando atravessar a cidade de um lado a outro, em hora matinal de um dia feriado. A coordenadora do evento não percebeu todo esse trabalho e esforço e, sem especificar o que queria ou mesmo sem dar atenção ao grupo, decidiu de maneira arbitrária mudar as regras do jogo no meio da curta apresentação de dança que duraria apenas 12 minutos.

Quando o grupo se reuniu ao final da apresentação para conversar sobre a

experiência, ficou claro que as pessoas presentes naquele evento estavam lá apenas por obrigação. A situação trouxe vários questionamentos sobre a inserção do grupo e o reconhecimento do seu trabalho. Obviamente, os afetos experimentados produziram efeitos desagradáveis no grupo das crianças que, novamente, precisaram lidar com a rejeição e o desprezo bastante presentes em suas memórias afetivas. Aquele movimento de elaboração, acionado também nas outras experiências relatadas, foi precipitado diante do vivido. Entretanto, agora ganhava um contorno mais complicado, visto que a experiência de rejeição trazia à tona componentes subjetivos ligados ao desrespeito, à indiferença e ao descarte, tão conhecidos por aquele grupo. Todavia, as crianças não estavam passivas naquele encontro, o que ficou evidente quando se jogaram na piscina do lugar e recusaram-se a sair, reivindicando, junto à coordenação do evento, poder ficar mais tempo divertindo-se. Conseguiram o que desejavam e, coincidência ou não, uma delas machucou o pescoço, demandando cuidados ainda maiores por parte dos coordenadores.

Pode-se perceber aqui a dimensão trágica dos encontros que, longe de apenas potencializar, por vezes também decompõem e destroem. E isso ocorre num bailado complexo que não comporta previsões e prescrições, mas que leva seus agentes a experimentar os limites e as potências de conexão de seus corpos no encontro imprevisível com o outro.

No decorrer do ano de 2013 foram realizadas outras apresentações e passeios que garantiram o cuidado e a atenção às crianças, bem como a possibilidade de expandir horizontes. Houve apresentações de dança em mais

três lugares: a primeira em uma ONG de um bairro distante, outra na universidade e a terceira em um colégio público. Realizou-se, também, um passeio ao lago mais importante da cidade (que algumas delas não conheciam) e houve a participação das crianças em uma aula de psicologia social da universidade. Toda a articulação dos passeios e apresentações contou com a forte participação de Carmem que, percebendo quão potencializadora era a atividade de organização de eventos, coordenou sozinha a distribuição dos convites às crianças e adultos da associação para um passeio ao rio do bairro, o que fechou o ciclo de passeios de forma descontraída.

O ano encerrou-se com o relato do grupo sobre o desejo de continuar as danças e passeios e, ao mesmo tempo, com o aprendizado de que elas mesmas (as crianças) poderiam organizá-los com pouca ou nenhuma intervenção dos adultos, ocupando espaços na medida das suas possibilidades e articulando-se com outras pessoas para chegar mais longe.

A Resistência como arte de viver

No cotidiano das atividades realizadas pela associação aqui analisada, pode-se dizer que existe a construção de uma abordagem política para experimentar, elaborar e resistir à maneira ligeira, excludente e fugaz como a contemporaneidade vive as relações sociais e afetivas. Seguindo Pelbart (2003, p. 132), a criação social é instaurada por meio de “processos positivos e singularizantes, capazes de funcionar como resistência num contexto de homogeneização”. Em cada um dos relatos apresentados, pode-se dizer que a elaboração do vivido

ocorreu de maneira conflituosa e não idealizada, o que tornou o processo mais belo, mas, por vezes, dolorido.

Talvez ocorra, nesses grupos da associação, algo muito próximo do que Rolnik (1995) chamou de “quarar a alma”. Essa expressão foi utilizada pela autora quando analisou uma instalação realizada pela artista plástica Rivane Neuenschwander no ano de 1995, na praia do Museu de Arte Moderna da Bahia, localizado na cidade de Salvador, denominada “A Infância Perversa: fábulas sobre a memória e o tempo”. Nessa obra, a artista reúne um grupo de crianças e propõe uma série de atividades tendo como material básico alguns lençóis e suas memórias, que são neles desenhadas e escritas. À medida que vão sendo manipulados, tanto os lençóis quanto as memórias podem ser retomados, experimentados e transformados em um: “inesperado concretismo brejeiro de uma instalação ao ar livre” (ROLNIK, 1995, p. 2).

As memórias registradas nesse pedaço de tecido que serve para proteger o sono são então colocadas ao sol para quarar. A prática de quarar ainda é comum no interior do Brasil e consiste em ensaboar a roupa e expô-la ao sol, pacientemente, para facilitar sua limpeza e clareamento. No trabalho de Rivane, às margens do mar, os lençóis com as memórias das crianças neles registradas também foram exibidos ao sol, provocando a sensação de que é “a própria subjetividade que passa por esta ressignificação: lavada, quarada, repassada e dobrada, ela se constitui como um território mais habitável. ‘Lavei a alma’, comenta uma das meninas na conversa que reuniu o grupo ao final da experiência” (Idem, p. 3).



A instalação feita pela artista guarda certa ressonância com as experiências precipitadas nos grupos da associação. Notou-se que, após as primeiras conversações sobre o tráfico, parte das crianças passou a estreitar o vínculo com os demais colegas e com a atividade, criando e ensaiando as apresentações, atividades que eram mescladas a conversas sobre suas vidas, limites e problemas enfrentados no cotidiano. Tal trabalho, ao mesmo tempo clínico e artístico, de alguma maneira, servia para possibilitar o contato com alguns afetos e, ao exporem-se ao grupo, superar algumas resistências, incluindo-se aí a tendência em assumir uma postura mais rude para com os professores e os colegas como forma de sobreviver – afinal esse era o registro afetivo construído até então: endurecer para suportar as dificuldades do dia-a-dia. Falar, dançar, experimentar os encontros e brincar foram alguns verbos que começaram a

ser praticados nesse espaço de intervenção de uma psicologia que busca manter-se sensível à dimensão trágica da existência e também aos movimentos de resistência.

As experiências relatadas contemplam agitações afetivas rumadas em direções múltiplas, com “inteligências e sensibilidades heterogêneas, que inventam não só modos próprios de produzir, de habitar, de trocar, de construir, mas também de relacionar-se, de afetar-se, de subjetivar-se, de protestar” (PELBART, 2003, p. 133). Assim, pode-se dizer que as intervenções do grupo precipitam uma mutação nas maneiras de viver e fazer resistência, fazendo que esta última deixe de ser compreendida apenas como oposição ou como luta pela tomada do poder instituído, com posições fortemente identitárias, e abrindo passagem para posicionamentos mais oblíquos, híbridos, sensíveis e diríamos, neste caso, cotidianos, valendo-se dos

encontros experimentados nas oficinas e nos eventos organizados pelo próprio grupo e/ou pelas outras pessoas que se conectam a essa produção, delas participando.

Considerações finais

Afinal, a que resistimos neste processo? Às subjetividades cada vez mais tomadas pela lógica do capital e pela mídia hegemônica, à mercantilização do corpo, às diversas formas de violência, ao sentimento de invisibilidade e desamparo vivido por diversas crianças e adultos. Assim, as oficinas de dança, bem como as demais atividades realizadas nesta associação, colocam em curso a invenção de microações, microgestos, microssensibilidades que, atuando e dialogando, potencializam seus criadores bem como aqueles que se conectam a eles. Talvez o próprio nome “associação” nos dê uma dimensão da resistência, visto colocar em destaque o contato, o encontro, a conexão de diferenças que, por sua vez, fazem emergir outras diferenças.

Vale dizer, por fim, que existe nesse tipo de intervenção uma dimensão de risco permanentemente colocada. Trata-se de trocas e conexões que só podem ser tecidas no cotidiano dos encontros, contando-se com o risco e com os elementos distintos que nele se fazem presentes, o que certamente envolve um leque de afetos díspares. Como não há controle possível sobre os afetos, cabe-nos experimentar o corpo com suas marcas e memórias afetivas advindas dos encontros. Ora tais encontros compõem, ora decompõem indivíduos e grupos. Diante desse movimento que gera composições e decomposições, abre-se à psicologia a possibilidade de acolher, por meio do encontro com a arte, a dimensão trágica que atravessa a existência: um misto de morte e vida que não se reduz a um de seus termos.

Mas, também, aproximar-se da possibilidade de experimentar o contato com a tragédia e o caos, que geralmente são desqualificados em nosso cotidiano por uma visão moral. Como declara Nietzsche, em seu Zaratustra, “é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 1998, p. 41). Nesse movimento de transfiguração, ganha espaço o desafio de acolher, sustentar e elaborar as próprias dores, construindo novas possibilidades de existência para si e para outras pessoas.

É assim que a arte pode ser articulada à psicologia social no fortalecimento de espaços de transformação pessoal e coletiva, constituindo-se em um potente dispositivo de trabalho contra a invisibilidade e a violência. Trata-se de reafirmar a potência humana, mesmo em seus menores gestos.

Referências

- FOUCAULT, M. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas** – Os pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- PELBART, P. P. **Vida Capital**: Ensaio de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROLNIK, S. **Quarar a alma**. 1995. Disponível em: http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar_a_a_lma.pdf> Acesso em 29/12/2013.

Recebido em 2014-01-10
Publicado em 2014-02-10